

O papel do avô em *O rio das quatro luzes*, de Mia Couto

*Juliana dos Santos Vitalli
Lara Cássia de Pauda Alba
Pedro Lucas Oliveira da Silva
Helena de Sousa Valadares de Camargo
Denise Stefanoni Combinato*

Introdução

Com os avanços científicos e tecnológicos relacionados às formas de cuidado em saúde nos últimos tempos, a expectativa de vida da população aumentou gradualmente (Silva et al., 2015). Ao passo que as pessoas conseguem viver mais, a possibilidade de convivência entre pais, filhos e netos também aumenta, com trocas de conhecimento e aprendizado entre as gerações (Cardoso e Brito, 2014; Tarallo, 2015). Entretanto, há também o aumento de conflitos em função da diferença de valores e costumes entre o grupo familiar, acarretando afastamentos. Uma das formas de diminuir esses conflitos é através de negociações e diálogos, entendendo que sempre haverá diferenças e que é necessário respeitá-las e, quando possível, fazer concessões para a manutenção desses novos arranjos familiares (Coutrim, 2006).

As relações intergeracionais são vínculos significativos que se formam entre duas pessoas ou mais de idades diferentes. É através desse vínculo que surgem novas possibilidades de troca de experiências e conhecimentos. Segundo Silva et al. (2015), a afetividade é o principal componente de manutenção dessas relações, pois é através do afeto, sentido por cada membro do grupo familiar, que esses arranjos intergeracionais se tornam harmoniosos e significativos para os sujeitos.

Relações intergeracionais harmoniosas dentro dos arranjos familiares proporcionam trocas mútuas de apoio e solidariedade (Cardoso e Brito, 2014), tendo em vista o cuidado e a ajuda que as pessoas idosas recebem e proporcionam ao grupo familiar. Especialmente para as pessoas idosas, esse suporte é fundamental, considerando as perdas físicas e o aumento de doenças crônicas na velhice (Coutrim, 2006; Silva et al., 2015).

Devido a problemas relacionados à saúde e à capacidade funcional, parte das pessoas idosas pode ter suas competências de encontro com familiares e amigos

reduzida, o que favorece um espaço privilegiado de cuidados e suporte à vida por outros membros da família (Tarallo, 2015). No entanto, para que isso aconteça é fundamental que existam relações de reciprocidade, afeto, diálogo, respeito e proximidade entre os sujeitos.

A família é o espaço central das relações intergeracionais. É nela que se iniciam as relações sociais do sujeito, além da transmissão de conhecimentos e do legado da humanidade (Cardoso e Brito, 2014). Na família, acontecem os primeiros cuidados em saúde, que tendem a persistir ao longo do desenvolvimento. Porém, não há uma única forma de cuidado e transmissão de conhecimentos nas famílias. Fala-se de uma pluralidade de formas de ser e estar nesse grupo, sendo tecidos por fatores culturais, sociais e econômicos que se influenciam mutuamente no desenvolvimento de inúmeros arranjos familiares (Coutrim, 2006).

Segundo Silva et al. (2015), cabe aos membros mais jovens da família entender as divergências de valores ocasionados pelas alterações de pensamento da sociedade e cultura, deixando de lado o termo "ultrapassado" e entendendo que cada pessoa idosa carrega consigo características da cultura e do tempo histórico em que cresceu e se desenvolveu. Essa é uma das maneiras de superar boa parte dos conflitos e preservar a solidariedade e o afeto nas relações intergeracionais.

Para Coutrim (2006), os filhos das pessoas idosas consideram seus pais como referência para os mais jovens que vivem na mesma residência. Para os avós, a relação com os netos torna-se uma possibilidade de ressignificação da relação que tiveram com os filhos e uma parcela dos avós tende a fazer aquilo que não conseguiu fazer pelos seus próprios filhos, oferecendo aos netos bens materiais, oportunidades de estudo e educação, alimento e roupas.

Com o avanço do desemprego, do nascimento de filhos fora do casamento e da separação de casais, os filhos permanecem ou retornam para casa de seus pais, acarretando novas formas de se relacionar no grupo familiar, especialmente pela diferença geracional que pode existir entre as pessoas idosas, seus filhos e netos. Em alguns casos, as ações dos avós complementam a renda dos pais e ajuda nos cuidados dos netos, em outros, os avós assumem a responsabilidade total do cuidado dos netos, especialmente em situações de dificuldades dos filhos, como o desemprego e as dívidas (Cardoso e Brito, 2014). Nos dois casos, os netos podem proporcionar a seus avós momentos de carinho, de integração e de troca de conhecimento entre as gerações.

Segundo a pesquisa realizada por Cardoso e Brito (2014), as avós cuidadoras de netos afirmaram que ser avó é melhor que ser mãe, devido à experiência e à sabedoria proporcionada pela idade. Entretanto, para outras avós da pesquisa, as responsabilidades de ser mãe ultrapassavam as atribuições que desejavam sobre o ser avó, acarretando esgotamento físico e mental, deixando de lado o papel que gostariam de exercer: o de avós. Apesar de algumas avós mencionarem sobre a inviabilização de projetos pessoais por conta dos cuidados integrais dos netos, outras avós desejavam permanecer nesse lugar de cuidadoras para tentar fazer diferente do que fizeram com os filhos, para repetirem a criação de sucesso dos filhos ou para relembrar o exercício da própria maternidade.

Há, também, pessoas idosas que necessitam dos cuidados de outros membros de sua família, invertendo o que outrora era sua função: cuidar dos filhos e netos. Em ambos os casos existe a implicação em mudanças e novas formas de estruturação da dinâmica familiar, de forma a assegurar a demanda por cuidados dos chefes da família ou por receber cuidados de filhos e netos (Cardoso e Brito, 2014).

As relações intergeracionais são construídas a partir do envolvimento voluntário de cada sujeito. Segundo Cardoso e Brito (2014), para o bom desenvolvimento dessas relações, é importante que as avós levem em consideração “os limites necessários para conciliar desenvolvimento pessoal e bom relacionamento familiar” (p. 439), ou seja, que estabeleçam relações de cuidado com os netos e consigo mesmas.

A partir dessa discussão, pode-se concluir que a relação entre avós e netos é ampla e diversa, sendo influenciada por aspectos individuais, familiares, socioculturais e econômicos. Há famílias em que a relação intergeracional é caracterizada por apoio e carinho e, em outras, por conflitos e ambiguidades. Essas diferenças também acontecem a partir do lugar que cada membro do arranjo familiar ocupa na relação com os demais, ou seja, o papel ocupado por cada membro dentro das relações que se estabelecem na família.

Segundo Tarallo (2015), a dinâmica dos arranjos e papéis ocupados por avós e netos acontece da seguinte forma: os primeiros contribuem com o apoio emocional, financeiro e na construção de limites e regras, enquanto os segundos ajudam nas tarefas domésticas, nos cuidados de avós dependentes e no incentivo ao desenvolvimento de novos sonhos para seus avós. Para a mesma autora, os netos demonstram afeto e carinho nas atitudes de zelo e satisfação com seus avós, que, por sua vez, se tornam mais flexíveis e abertos ao afeto, através dos aprendizados e do convívio com os netos. É importante frisar esse último aspecto pela mudança de pensamento acarretada pelo desenvolvimento da cultura e da sociedade em um lugar mais permissivo e diverso para as pessoas serem e estarem como realmente são. Esse avanço pode ser ainda mais rápido através de relações de diálogo e aprendizado entre uma geração mais inflexível e rígida e outra mais flexível e diversa.

Além disso, a forma como se dão as relações intergeracionais não está desvinculada daquilo que se pensa, sente e faz em relação ao envelhecimento. Caracterizado pelas relações entre as mudanças biológicas, psicológicas e sociais intrínsecas ao desenvolvimento humano, o envelhecimento só pode ser compreendido a partir da sociedade da qual o indivíduo faz parte, já que os significados de velhice extrapolam as dimensões de idade cronológica – as esferas culturais, históricas, políticas e econômicas criam as representações sociais dos idosos e definem as atitudes coletivas em relação a eles (Schneider e Irigaray, 2008).

Frente às opressões que historicamente afetaram o valor social das pessoas idosas, relegando-os ao esquecimento em sociedades mais individualistas, urge lembrar que em outras culturas, movidas pela solidariedade, os velhos são protagonistas preciosos de sua comunidade. Em muitas culturas africanas – sociedades edificadas a partir da tradição oral – os velhos não são apenas figuras de respeito, mas também guardiões da memória, detentores de sabedoria e mediadores entre o passado e o presente, pois a presença deles confere à sociedade uma continuidade temporal,

assegurando que as lições do passado não sejam esquecidas e que as tradições permaneçam pulsando (Perla, 2023).

Pela via da oralidade, o ancião guia a comunidade pautado em valores, crenças, ritos, saberes. Por consequência, trabalham para a manutenção da vida coletiva. Da mesma maneira, para os povos originários, "a velhice é o auge da sabedoria" (Diogo et al., 2023, p.267), sendo as pessoas idosas responsáveis pela transmissão, através da oralidade, de diversos saberes aos mais jovens, incluindo a resistência e a defesa do território.

No contexto das sociedades pós-coloniais, estudiosos como Edward Said (2007) e Frantz Fanon (2020) discutem a transformação no papel dos anciãos. A colonização desestabilizou as estruturas sociais tradicionais, agora atravessadas pela visão eurocêntrica, criando uma fratura na forma como a velhice vinha sendo entendida. Os idosos, outrora sábios e respeitados, passam a ser considerados um peso carregado pelas famílias.

A partir desse emaranhado de significados culturais sobre a velhice e as relações intergeracionais, e considerando os ensinamentos de Vigotski (1999) de que a arte pode ser uma orientação para o nosso comportamento futuro, nosso desafio nesse artigo foi analisar um conto elaborado pelo escritor moçambicano Mia Couto, que trata especialmente da relação avô-neto.

Desenvolvimento

Mia Couto, em seu livro "O Fio das Missangas" (2009), apresenta uma coletânea com 29 contos e, dentre estes, "*O rio das quatro luzes*" que se inicia com a fala de um menino durante um funeral. Esta fala, direcionada à sua mãe, traz à tona o seu desejo de estar dentro de um caixão, assim como o falecido. A mãe, conforme majoritariamente outras pessoas também o fariam, repreende o menino e, algum tempo depois, já em casa, o pai do garoto vai até seu quarto para perguntar o que se passava. Sua resposta é que gostaria de envelhecer rápido e ficar mais velho que o próprio pai.

Uma frase marcante do conto é "Que valia ser criança se lhe faltava a infância?" (Couto, 2009, p.112). A partir dela, podemos buscar os significados culturais e as possibilidades de ser criança. Sabemos que existem diferentes infâncias e que elas são entendidas e vivenciadas de maneiras diversas, refletindo múltiplos significados e sentidos, sendo atravessadas pelos contextos sociais, históricos e culturais (Barbosa e Santos, 2017; Qvotrup, 2010; Pires, 2008).

A infância é uma construção social que se desenvolveu ao longo da história. Segundo Ariès (2012), até o século XII, crianças e adultos não eram diferenciados, fato ilustrado pelas obras de arte da época, nas quais as crianças eram representadas como adultos menores. Isso começou a mudar a partir do século XVI, em decorrência da alta taxa de mortalidade infantil, quando a visão sobre as crianças começa a revelar outros sentidos à infância. Segundo Ariès (2012), os adultos possuíam duas visões em relação às crianças: ela era ingênua, graciosa e

proporcionava divertimento aos adultos ou ela deveria ser submetida à disciplina, porque eram frágeis e puras, para se transformarem em adultos honrados (Ariès, 2012; Barbosa e Santos, 2017).

Importante destacar que esse estudo de Ariès foi realizado com base em cartas, diários e pinturas da época que tinham como foco a aristocracia europeia, ou seja, levou em conta apenas uma minoria privilegiada e deixou de lado a classe operária e seus filhos em situação de vulnerabilidade (Barbosa e Santos, 2017).

Essa diferente realidade pode ser vista durante o Brasil colonial. Em solo brasileiro, a desigualdade era latente e permeada pelas diferenças de classes sociais e cor da pele. Quem nascia no berço da elite recebia educação primorosa, enquanto os filhos de escravos iam trabalhar, como adultos, na mais tenra idade. Este cenário começou a mudar no século XX, quando o papel da família e da escola entram em cena como essenciais à vida infantil, a fim de oferecer melhores condições de vida às crianças que passaram a ser preparadas para a vida adulta (Barbosa e Santos, 2017; Cohn, 2013, Lopes e Vasconcelos, 2006).

Apesar da mudança na compreensão sobre o papel da família e da educação na formação das crianças, o acesso aos direitos fundamentais para a garantia do "desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social" (Brasil, 1990, art. 3) continuam desiguais. A legislação brasileira, por exemplo, proíbe o trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz (Brasil, 1990, art. 60). Embora tenha havido uma redução de 21,4% nos últimos anos no trabalho infantil, em 2024, ainda tínhamos 1,65 milhão de crianças e adolescentes trabalhando no país (Agência Brasil, 2025).

Voltando ao conto e a uma dessas perspectivas de infância que se aproxima da vida adulta, temos um menino que, desde criança, já tinha contato com as adultices da vida: o menino questiona o porquê de ser criança se a vida exige um fazer adulto nessa fase. Por outro lado, também identifica e questiona o porquê de, quando adulto, ficar relembando o "tempo de maravilhas" da infância (Couto, 2009, p.112). Com essa conversa entre a criança e o pai, fica claro que a criança não carrega um desejo de estar dentro de um caixão porque ela não quer mais viver, mas sim porque a vida adulta e a velhice lhe parecem ser muito mais interessantes do que uma infância na qual ele não pode ser criança.

Percebe-se no conto um menino sem infância que, desconectado da vida, vê na morte uma possibilidade de transcender sua realidade nada lúdica. Uma vez que "este mundo não estava para meninices" (Couto, 2009, p.112), ser criança parecia uma perda de tempo, então envelhecer rapidamente se apresenta como alternativa. Ao expor seus desejos para os pais, entra em contato com os significados sociais da vida – presente divino – e da morte – punição divina -; como opostos fenômenos, dicotômicos, inconciliáveis. A ele é solicitado que repudie a morte e anseie pela vida. No entanto, não é instruído sobre como realizar tal investimento no mundo. E, após ser repreendido pela mãe e pelo pai, o menino vai até o avô para lhe perguntar o que é preciso para ser morto. O avô, ao contrário dos pais, não o recrimina.

Segundo Tarallo (2015), os avós podem contribuir imensamente com o aprendizado de seus netos através da transmissão dos conhecimentos que conquistaram durante

a vida, especialmente no que diz respeito às perdas inerentes à vida humana. Assim, “os avós também têm um papel imprescindível na vida dos netos e da família, pois funcionam como intermediários entre o passado, o presente e o futuro” (p. 51).

No conto *O rio das quatro luzes*, o avô responde ao menino que para ser morto é preciso ficar nu como um búzio, leve como a lua e escuro na escuridão. O avô, diferente dos pais, acolhe a angústia disfarçada de desejo do menino e cura onde dói: na idade. Propõe ensinamentos camuflados em uma troca: vai pedir a Deus que, quando chegar a hora de sua morte, o menino morra em seu lugar, pois ama viver. A troca é dissimulada, pois suas intenções são travessas – quer trazer o menino para mais perto e convidá-lo a experimentar a vida antes de descartá-la de seus horizontes. Quer ensiná-lo a construir um sentido pessoal autêntico sobre a vida e a morte, onde não há dicotomia, mas sim ressonância. Quer ensinar que encontramos amor e conforto nos detalhes da vida quando não estamos olhando para o relógio, por mais difícil que isso seja.

Essa acolhida realizada pelo avô demonstra que as relações intergeracionais entre avós e netos podem ser caracterizadas por diferentes formas de expressão, dentre elas, o cuidado envolto de carinho e afeto, proporcionando o desenvolvimento afetivo de ambos (Cardoso e Brito, 2014). De acordo com Tarallo (2015), essas relações são influenciadas por inúmeros aspectos, incluindo a dimensão afetiva, os fatores culturais de cada sociedade e a idade dos avós e netos.

Quando o menino visitava o avô, perguntava sobre o combinado e este o aconselhava para que “fosse meninando, distraídos nos brincados” (Couto, 2009, p.113), ou seja, para que, ao invés de se preocupar com o acordo, fosse brincar. Com isso, os dois conversavam sobre a infância do avô e o menino, sem perceber, se tornava criança.

No compasso do avô, o menino ganhou vida, identidade e ludicidade. Subvertendo a lógica que reduz e roteiriza a infância à mera preparação para a vida adulta, a um trivial ensaio para a verdadeira apresentação, o avô entende a necessidade da criança em encontrar sentido naquilo que vive. Resgata a noção de infância como uma fase que tem sentido em si própria; e assim também podemos situar o viver: uma atividade que encontra motivação em si mesma. Pelo menos deveria ser. Nesse horizonte, as necessidades reais da criança são valorizadas e uma existência integrada à vida se constrói ouvindo, apoiando e dialogando.

De acordo com Cardoso e Brito (2014), para algumas pessoas idosas, os cuidados com os netos, seja como único responsável ou como apoio aos filhos, são uma forma de satisfação e utilidade para a família, principalmente quando utilizam da própria experiência de vida para transmitir ensinamentos e legados geracionais.

Além de incentivar o menino na arte de criar, o avô também entende que precisa orientar os pais no papel de educar. Certo dia, os pais do menino receberam a visita do avô que, de forma muito respeitosa e amorosa aconselhou que:

criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava os pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do

juízo. Esse é o milagre que um filho oferece - nascermos em outras vidas (Couto, 2009, p.113-4).

A partir dessa fala, o avô tenta sensibilizar os pais do menino de que eles deveriam não apenas permitir e dar espaço para a criança ser criança, como serem crianças junto ao filho. Os pais precisariam despir-se da adultez e cultivar humildade diante da infância – tempo tão valioso quanto todos os outros tempos.

Os pais ouviram o ensinamento do avô, sem nada comentar, mas sem nada contestar. Assim, percebe-se o valor desse avô tanto no despertar de sentidos de meninices com o miúdo, como na orientação dos pais de que eles se pusessem a criar com o filho.

Essas trocas entre gerações permitem que as pessoas idosas se sintam valorizadas e amadas, principalmente quando seus conselhos, baseados em experiências de vida e da própria sabedoria, são levados em conta pelos filhos e netos (Cardoso e Brito, 2014) que, por sua vez, podem contribuir ensinando os pais e avós sobre os novos conhecimentos do mundo moderno. Ou seja, todos podem ganhar quando as relações intergeracionais são respeitadas e afetuosas, favorecendo a troca de conhecimentos e a da forma de ser e estar de cada sujeito do grupo familiar (Côrte e Ferrigno, 2016).

Ao se despedir dos pais do menino após os conselhos, o avô fala que sente um cansaço, mas não daqueles que pesam, e sim um cansaço leve como a lua, como dito por ele ao neto acerca do que era preciso para ser morto. Então, pede aos pais do menino que contem ao neto que nunca fez nenhum pedido a Deus. No entanto, como alerta o narrador, os pais não precisaram falar isso para o menino. Dentro de sua casa, o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo, ou seja, sentiu o fluxo do tempo se reverter com o avô sendo levado antes dele. Desse modo, surge no conto uma possível explicação para o seu título. No leito do rio se afundam quatro luzências e esta parte se conecta com o fato de que um rio não tem iluminação própria, ou seja, ele precisa ser iluminado para que seja visto. Assim, podemos interpretar que essa iluminação vem de nós e vem dos nossos olhos. Os olhos do avô e do menino foram capazes de iluminar o olhar sobre a infância e, também, sobre a morte.

Retomando a fala do avô acerca do que é preciso para ser morto ao mencionar que é necessário ser escuro na escuridão, podemos entender que, após a morte, o morto não é mais visto e, muitas vezes, nem lembrado, indo para a escuridão da memória daqueles que ainda estão vivos. Por outro lado, pode permanecer na memória, nos ensinamentos e nas histórias que foram e serão compartilhadas.

Em um ato político e subjetivo, Mia Couto explora a dualidade entre as estruturas sociais tradicionais e a visão ocidental moderna, retratando velhos que, mesmo em um mundo em transformação e forçados a encararem a tensão entre tradição e modernidade, mantêm viva a chama das tradições ancestrais (Martins, 2021; Schmidt et al. 2022; Perla, 2023).

Dessa forma, segundo Perla (2023), Mia Couto nos mostra a pessoa idosa na sociedade capitalista deslocada do lugar de respeito de outrora, mas resiliente ao ponto de criar situações diferenciadas para receber afeto, atenção e serem ouvidas por aqueles que estão dispostos a escutar no espaço da cidade. Ademais, de acordo

com Martins (2021), a palavra do ancião denuncia a cegueira social que provocou a ruptura das práticas orais:

Como voz da lucidez, o velho critica o mundo violentado que se desenraizou da dimensão sagrada numa sociedade materialista que sufoca a vertente espiritual do homem. A missão do avô é ensinar o neto a ver para além das aparências numa cadeia contínua em que a transmissão da herança cultural se concretiza, possibilitando a comunicação com os mortos. O avô é o porta-voz da palavra redentora que transmite um olhar límpido, liberto da convenção e da censura, que tenta ampliar a visão do menino para o ajudar a captar o mistério dos panos brancos da outra margem (p. 176).

Em suma, o papel do avô na família é de iluminar o olhar sobre a infância, mostrando que ela pode e deve ser vivida mesmo quando adulto; de iluminar o olhar sobre a morte, mostrando que a morte pode ser um renascimento; e que ter um filho é ter esta chance de nascer de novo.

Considerações finais

O conto *O rio das quatro luzes*, narrado linearmente, ganha elementos fantásticos ao brincar de confundir vida e morte, começo e fim, nascente e foz, através do elo entre neto e avô, criança e idoso. Ligar essas fases da vida, tão marginalizadas, parece o esforço de Mia Couto. Se a infância é vista na contemporaneidade como um ensaio, a velhice é rotulada como uma apoteose desse evento principal, rótulos que produzem a vulnerabilidade dessa população, tão desamparada nos tempos atuais.

Na sociedade brasileira, a maior parte da população idosa, infelizmente, é inserida dentro de um contexto de desvalorização de seu papel, sendo a velhice encarada de maneira distinta do papel dado ao ancião nas comunidades africanas tradicionais. A moral hegemônica propaga o respeito ao velho, mas continua a pressioná-los a abrir espaço para os mais jovens, conforme denuncia Bosi (1994, p.78): "que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo".

Conforme Schmidt et al. (2022), envelhecer em território brasileiro implica ser atravessado por enormes desafios no alcance das necessidades básicas – sobretudo para pessoas com baixa renda. Diante disso, muitas pessoas idosas deixam de lado a necessidade de descanso após uma vida inteira de contribuição e seguem trabalhando – seja por necessidade ou para serem aceitos e terem algum papel social.

É possível traçar um paralelo entre a ideia de vivências imutáveis e a forma como a nossa sociedade lida com o envelhecimento – não permitindo que os idosos mudem, não acolhendo suas possibilidades de mudanças, aviltamento pautado no ageísmo de que velhice é sinônimo de estagnação. A universalização das fases de vida parece fazer com que percamos a essência do desenvolvimento humano: a transformação. Frente às inúmeras violências sofridas pelas pessoas idosas na sociedade ocidental moderna, urge lembrar que em outras culturas, movidas pela solidariedade, os velhos são protagonistas preciosos de sua comunidade.

Eis o papel do avô no conto: ser o que ele é, protagonista de sua família. Para além da universalidade que coloca os velhos em um mesmo destino indiferenciado de estagnação, o avô encontra-se em pleno despertar da alegria de viver, pois sua puerilidade interna vai além dos limites etários. Suas vivências entrelaçam o envelhecer a uma realidade que, quando dotada de autonomia, criatividade e reconhecimento, transformam não apenas a pessoa que envelhece, mas também sua família e toda a sociedade.

Ao desroteirizar a infância do neto, desrotula sua própria velhice. Ensina que o tempo não precisa ser linear; ensina a família a se libertar do "o que eu quero ser quando crescer" e a se lembrar da grandeza do muito que já somos. Através das narrativas orais sobre suas experiências, o avô torna-se guardião de valores que precisam ser lembrados, sendo em si, memória coletiva.

Além disso, ao investir fora de si, em suas relações, em sua família, em sua comunidade, o avô consegue nascer em outras vidas e desfrutar da vida também através das realizações dos filhos e netos. Vinculando-se às relações mais duradouras e deixando valores que continuarão vivos depois de sua partida, a morte não parece mais tão ameaçadora.

Para que isso aconteça, é de suma importância que dentro do ambiente familiar e do convívio com a pessoa idosa os estereótipos negativos relacionados à velhice sejam discutidos com os netos desde a infância, a fim de que eles influenciem cada vez menos nas relações intergeracionais entre ambos, tornando-as mais satisfatórias e colaborativas.

Segundo Tarallo (2015, p. 51) uma maneira de promover a "educação para a velhice" é justamente através da convivência com os avós, na medida em que essa convivência pode auxiliar os netos no enfrentamento das dificuldades e das perdas que acontecem ao longo da vida, assim como na diminuição de estereótipos e preconceitos relacionados à idade.

Além disso, se faz necessário incluir discussões sobre o envelhecimento e o direito das pessoas idosas nas escolas - conforme preconiza o Estatuto da pessoa idosa no Brasil (Brasil, 2003) - espaço privilegiado para a transmissão de informações e aprendizados que fogem dos estereótipos criados socialmente (Whitaker, 2010). A partir do trabalho conjunto da família e da escola, poderemos caminhar rumo a um mundo menos competitivo e mais sensível ao cuidado integral de todos os sujeitos, em todas as fases do desenvolvimento.

O conto termina sendo uma lenda, que explica o surgimento de determinada coisa. Nesse caso, do rio que une as duas pontas da vida. Porque o fim não é um fim, é um começo para outra história. Que essa narrativa, através da sensibilidade própria da arte, possa orientar nosso comportamento futuro e nos auxiliar na promoção do diálogo e da reflexão sobre o envelhecimento, a morte e sobre o papel do velho e dos avós nas relações intergeracionais.

Referências

ABRÃO, R. K.; ABRANTES, D. R.; BEIERSDORF, D. S. A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo. *Zero-a-Seis*, v. 17, n. 31, p. 79-90, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p79>. Acesso em: 10 jun. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. *Trabalho infantil no país cai 21,4% em oito anos, mostra IBGE*. Rio de Janeiro, 19/09/2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-09/trabalho-infantil-no-pais-cai-214-em-oito-anos-mostra-ibge>. Acesso em: 26 out. 2025.

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BARBOSA, A. S. S.; SANTOS, J. D. F. dos. Infância ou infâncias? *Revista Linhas*, v. 18, n. 38, p. 245-263, 2017. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017245>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 26 out. 2025.

CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, v. 19, n. 3, p. 433-441, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003006>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COHN, C. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 13, n. 2, p. 221-244, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CÔRTE, B.; FERRIGNO, J. C. Programas intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

COUTO, M. O rio das quatro luzes. In: COUTO, M. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 111-115.

COUTRIM, R. M. E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado*, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922006000200004>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DIAS, E. N.; PAIS-RIBEIRO, J. L. Qualidade de vida: comparação entre idosos de uma comunidade brasileira e idosos institucionalizados. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 21, n. 1, p. 37-54, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p37-54>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DIOGO, N. M. F. et al. Povos originários, envelhecimento e psicologia: ancestralidades presentes. In: RABELO, D. F.; SILVA, J.; DIOGO, N. M. F. (Orgs.). *Psicologia e desenvolvimento humano no contexto brasileiro*. Campina Grande: EDUEPB, 2023. p. 261-282.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da infância: territorialidades infantis. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/geografia-da-infancia-territorialidades-infantis>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- MARÍN-DÍAZ, D. L. Morte da infância moderna ou construção da quimera infantil? *Educação e Realidade*, v. 35, n. 3, p. 193-211, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13085>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- MARTINS, C. As vozes da velhice nos contos de Mia Couto. In: PINHEIRO, J. (coord.). *Olhares sobre o envelhecimento*. Estudos interdisciplinares, v. 2, p. 173-181, 2021. Disponível em: <http://cda.uma.pt/publications/pub21-002-olhares-v2/Ebook-21-V02-173.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- PERLA, S. *A metamorfose como metáfora da identidade moçambicana em "Contos do nascer da Terra" de Mia Couto*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49754>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- PIRES, F. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, v. 17, n. 17, p. 133-151, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47058>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, v. 36, p. 631-644, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHMIDT, A. L. L. C.; SILVA, K. C. da; SILVA, K. O. da. O envelhecer nos contos "Presepe", de Guimarães Rosa e "Noventa e Três" de Mia Couto: diálogos da Literatura Brasileira com a Literatura Moçambicana. *Revista Transformar*, v. 15, n. 2, p. 111-119, 2022. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/635>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- SILVA, D. M.; VILELA, A. B. A.; NERY, A. A.; DUARTE, A. C. S.; ALVEZ, M. R.; MEIRA, S. S. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 7, p. 2183-2191, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015207.17972014>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- TARALLO, R. S. As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 19, p. 39-55, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18iEspecial18p39-55>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- VIGOSTKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. *Cadernos Cedes*, v. 30, n. 81, p. 179-188, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000200004>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Data de recebimento: 31/10/2025; Data de aceite: 15/03/2026

Juliana dos Santos Vitalli – Psicóloga com graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Residente do programa de pós-graduação lato sensu na Residência Multiprofissional em Atenção à Oncologia, na mesma universidade. ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-1188-5614>. E-mail: psi.julianavitalli@gmail.com

Lara Cássia de Pauda Alba – Psicóloga com graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6636-5650>. E-mail: psi.laraalba@gmail.com

Pedro Lucas Oliveira da Silva – Psicólogo com graduação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Gestor de Relacionamentos da Organização da Sociedade Civil ABC do Glória. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8366-7540>. E-mail: psi.pedrolucasilva@gmail.com

Helena de Sousa Valadares de Camargo – Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6925-8163> E-mail: helenacamargo2002@gmail.com

Denise Stefanoni Combinato – Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Bauru) e graduada em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), com doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Botucatu). Professora do magistério superior no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-0289>. E-mail: denise.combinato@ufu.br



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.